



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

ITALO SVEVO

A CONSCIÊNCIA DE ZENO



ITALO SVEVO, pseudónimo do escritor e dramaturgo ARON HECTOR SCHMITZ, nasceu em Trieste, cidade do Império Austro-Húngaro à altura, a 19 de dezembro de 1861. Quinto de sete filhos de Franz Schmitz, comerciante judeu de origem alemã, e de Allegra Moravia, italiana, muito cedo na sua infância revelou uma paixão pela literatura, nomeadamente pelos clássicos russos e franceses, por Shakespeare e Goethe. Até aos 18 anos, estudou num colégio interno alemão com os seus irmãos, até que regressou a Trieste, onde continuou a sua formação por mais dois anos, altura em que o pai declara falência e Aron é forçado a procurar um emprego para se sustentar. Ao longo dos vinte anos seguintes, trabalha como bancário no Unionbank de Viena, experiência que o inspirará a escrever, em 1892, o seu primeiro romance, *Una Vita*, que assinou como Italo Svevo. A receção à sua obra de estreia foi fraca, não melhorando significativamente quando, em 1898, publicou *Senilità*. Pacifista, humanista, defensor do Socialismo-Democrático e, depois da guerra, de uma união económica europeia, irá também colaborar com o periódico socialista *L'indipendente*, com artigos de opinião neste período. Em 1896, casa com a prima, Livia Veneziani, e torna-se sócio do negócio de tintas industriais, usadas em navios de guerra, montado pelo sogro. O negócio floresce e é aberta uma sucursal em Inglaterra, onde Svevo viveu parte da sua vida e onde conheceu James Joyce. Esta amizade influenciaria fortemente o futuro de ambos: Svevo seria a inspiração de Joyce para a personagem do clássico modernista *Ulisses*, Leopold Bloom; e Joyce determinaria a receção da obra mais importante de Svevo, o romance psicológico de forte cariz autobiográfico *A Consciência de Zeno*, autopublicado em 1923, cujo herói, Zeno Cosini, na sua demanda para se curar do vício do tabaco, não consegue lidar com a ideia de fumar um último cigarro. A 13 de setembro de 1928, quando regressava com a família das termas de Bormio, não resistiu aos ferimentos causados por um acidente de viação e morreu, aos 66 anos, deixando o seu quarto romance, *Il Vecchione* — a continuação de *A Consciência de Zeno* — por terminar.

GONÇALO M. TAVARES é autor de uma vasta obra que está a ser traduzida e editada em cerca de sessenta países, em algumas das mais prestigiadas editoras, com livros que fazem dele um dos mais inovadores e traduzidos escritores europeus contemporâneos. Recebeu importantes prémios literários em Portugal e no estrangeiro. *Le Quartier (O Bairro)*, o seu mais extenso projeto literário, recebeu o prestigioso Prix Laure Bataillon 2021, atribuído ao melhor livro traduzido em França, sucedendo assim à Nobel da Literatura Olga Tokarczuk. De entre os vários prémios internacionais que tem recebido, destacam-se: Prix Littéraire Européen 2011; Prix du Meilleur Livre Étranger 2010; Prémio Portugal Telecom 2007; Prémio Internazionale Trieste 2008; Prémio Belgrado 2009; Prémio Oceanos 2021, além de ter sido várias vezes finalista do Prix Médicis e do Prix Femina. Recebeu diversas distinções pelo conjunto da sua obra, como o Prémio Literário Vergílio Ferreira, e os seus livros deram origem, em diferentes países, a peças de teatro, dança, peças radiofónicas, curtas-metragens e objetos de artes plásticas, vídeos de arte, ópera, *performances*, projetos de arquitetura e teses académicas.

ANA CLÁUDIA SANTOS doutorou-se em Teoria da Literatura e dedicou-se ao estudo de Giambattista Vico, cuja autobiografia traduziu. Tem traduzido autores como Carlo Collodi, Sergio Solmi e Giacomo Leopardi. Publicou recentemente o livro *A Morsa — Contos de Inocência e de Violência*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Breves notas sobre Zeno — fumo, alegria e desespero	vii
A Consciência de Zeno	1
I. Prefácio	3
II. Preâmbulo	5
III. O Tabaco	7
IV. A Morte do Meu Pai	31
V. A História do Meu Casamento	61
VI. A Mulher e a Amante	157
VII. História de Uma Associação Comercial	273
VIII. Psicanálise	403
NOTAS À TRADUÇÃO	439

INTRODUÇÃO

Breves notas sobre Zeno — fumo, alegria e desespero

«No conjunto, era bem modesto, eu, porque é certamente mais fácil mudar-se a si mesmo do que reeducar outros.»

A Consciência de Zeno, ITALO SVEVO

1.

Evidentemente, não se trata de um prefácio ou posfácio ou qualquer coisa em forma de análise ou introdução; trata-se de um texto que está no meio e ao lado. Rápidos comentários, brevíssimas notas, muitas vezes derivas e desvios sobre e em redor, e por cima e por baixo, de um divertido e forte livro, *A Consciência de Zeno*, de Italo Svevo. Mas isto, sim: o texto vai para onde ele quer, sem muita domesticação possível.

2.

Ler um livro é começar a andar para outro lado qualquer. Não sou leitor-analista; detesto dissecações, mesmo que de livros; tudo é quase sempre salto e livre circulação do pensamento. Não se trata de um estudo, mas de uma maneira de começar. Quando se lê um bom livro, o livro atira para fora; como algumas figuras religiosas e as suas frases célebres: «levanta-te e caminha»; eis uma boa frase que um bom livro diz ao seu leitor. Ler sentado (ou deitado) é o início; depois: ou adormecemos ou nos levantamos.

3.
A ideia de ler em pé; no limite, ler a andar — esta ideia não é só bela fisicamente, bela é também metaforicamente.
4.
Imagino uma personagem que só consegue ler quando caminha; se parar, fica no limite do analfabetismo: não sei ler, não consigo pôr as letras na ordem que permite ao pensamento existir e, por isso, ando. Um alfabeto que só se torna claro enquanto o leitor caminha.
5.
Aprender a ler enquanto se anda: eis um método possível para introduzir nas novas e velhas escolas. Aprender o alfabeto com os pés parados, sentadinho, de rabo domesticado na cadeira, talvez não seja a maneira perfeita de entrar na linguagem; uma escola que levasse os meninos pela floresta ou pela cidade e no caminho fosse introduzindo letras e sílabas, palavras e curiosidade. Eis uma hipótese, ficcional e lateral.
6.
Onde ler *A Consciência de Zeno*? No comboio, eis outra hipótese. Ou seja: ler num sítio que não está parado. Uma cadeira que não se move, e que se move ao mesmo tempo — como se a cadeira no comboio fosse um moderno e técnico paradoxo de Zenão.
7.
A consciência de Zeno, os paradoxos de Zenão.
8.
Italo Svevo (1861-1928). Época estranha, mas crucial. Morreu cedo demais, num desastre de automóvel.

9.

O automóvel, o comboio, a cidade. Aquilo que parte ou chega: o comboio, o automóvel. Aquilo que fica: a cidade.

10.

Outra coisa que fica: este livro.

11.

Trieste é uma cidade intensa, uma cidade que afinal não fica assim tão parada. Muita história desabou por ali. Muitos foram já os seus donos. E as terras que vão mudando de nome — não de proprietário menor, mas de nome inteiro de país — são terras meio confusas, claro, meio híbridas — com tantas mães e pais, tantas línguas e pronúncias, que dali só pode resultar por vezes hesitação, outras vezes ambiguidade. A ironia e o humor de Italo Svevo são, em parte, podemos pensar — em modo de pensamento-psicanálise —, resultantes desse encontro. E um encontro onde existe? Sempre no meio. O encontro é isso: a inauguração de um novo meio, de um novo centro resultado de duas coisas que vinham de direções distintas. Mesmo que na fronteira de um mapa qualquer ou de uma realidade concreta, quando dois humanos se encontram, encontram-se no meio — eis uma tese proposta agora mesmo pelo pensamento. Um pensamento em voz alta que se fixa.

12.

O nome Italo Svevo é, portanto, já isso: uma mistura de mundos, origens distintas. Dois nomes que vêm de dois espaços e se encontraram no meio. Italo Svevo é um escritor do meio.

13.

E o meio, muitas vezes, é visto como se fosse centro; como o facto de se estar no meio impedisse alguém de estar perdido. Mas, claro, para mim, isso é evidente: o maior desespero é alguém estar perdido no meio. No meio da vida, como n' *A Divina Comédia*

de Dante, no meio da cidade, no meio do processo amoroso; no meio é onde reside a maior energia negativa ou ativa. No início, do que quer seja — caminho, vida, paixoneta ou revolução —, tudo está à frente e por isso impossível pensar já em desistir ou gritar. Ninguém no início grita senão aquele grito antigo: em frente! No início, só existe o: *em frente!* E no final, claro, no final de qualquer coisa, caminho ou vida, os humanos muito gritam ou então lamentam e murmuram para si próprios um desespero qualquer. Mas atrás deles está já quase tudo, e isso, essa biografia passada, dá um certo amparo às pobres costas. Impossível cair para trás com tanto passado, poderemos dizer. O passado, aliás, como isso mesmo: aquilo que não nos deixa cair senão para a frente.

E, portanto, início e fim têm algum amparo. Resta o meio — da vida, do caminho, do que for —, eis o lugar mais perigoso; o lugar dos suicidas.

14.

Sabemos todos: Joyce e Italo Svevo, um cruzamento na cidade de Trieste. Ir a Trieste é, em parte, visitar indícios destes dois grandes escritores. Trieste é, pois, uma cidade literária, ou seja: cheira muito a morte, desculpem, sim, e também a beleza, claro, que por ali anda e exige algumas palavras que ainda vêm a caminho, que ainda não estão esboçadas. Ler Italo Svevo em Trieste talvez seja o ideal, mas não podemos escolher, como num menu, a cidade onde lemos os livros.

15.

A consciência de Zeno é de uma psicanálise feita a partir de nuvens a meia altura; uma psicanálise leve. Ou seja: que não se toma demasiado a sério, mas que sabe que falar não é inútil a nível do mundo detalhado e decisivo da medicina. O discurso, o grande monólogo, é sempre uma tentativa de encontrar a cura no meio de uma frase ou nesse intervalo mínimo, tão importante, que existe entre duas palavras. Como uma aparição ou um milagre: Zeno

fala, ou a sua consciência; e todos nós falamos — e, sim, nenhuma palavra visa outra coisa que não isto: o humano quer salvar-se. Zeno também.

16.

Uma frase logo no preâmbulo ressalta e esclarece: «Graças ao lápis que seguro na mão, hoje permaneço desperto.» Escrever, falar como aquilo que não nos deixa adormecer. O que é a consciência? Em parte, isto — um lápis na mão.

17.

Onde começa a consciência, ou seja, um certo desespero, mesmo que calmo e mesmo que bem-humorado? Começa num pequeno gesto, num hábito, num indício. Zeno e o cigarro, por exemplo.

Um vício é o final de um processo: voltar atrás, seguindo as suas pegadas é a forma de sair do labirinto que é feito disto: eu-não-me-entendo. Um labirinto interno, mas sólido: diante do espelho, digo: o que é isto? Nem sequer o que vejo é claro para mim. Eis uma cegueira-limite e uma das primeiras.

18.

Este labirinto do «eu-não-me-entendo» tem múltiplas saídas, e Zeno escolhe a saída que estará algures no começo, pensa ele, do vício do tabaco; e assim começa realmente a consciência de Zeno. O fumo do tabaco vai perdendo qualidades de flutuação e dispersão e vai ganhando, se não peso, pelo menos um certo olho inclinado para baixo, para o solo. De alguma maneira, então isto: ler sinais de fumo, interpretar no fumo que sai do tabaco, não o mundo inteiro, mas uma biografia. Não uma biografia inteira, mas pelo menos, dentro dela, o ponto de Arquimedes que pode fazer mudar a trajetória de um sujeito vivo. Zeno quer seguir o fumo do seu tabaco, o fumo que sai do seu dia atual, perceber de onde ele vem, e logo o médico ali está, a incitar:

«— Escreva! Escreva! Verá como vai acabar por conseguir ver-se inteiro.»

19.

Claro que ninguém chega nunca a ver-se inteiro, mas, de qualquer maneira, é necessário por vezes começar a andar.

20.

A consciência de Zeno é tantas coisas, mas, em parte, isto: uma enorme crença na palavra:

«Curioso como se recordam melhor as palavras ditas do que os sentimentos que não chegaram a agitar o ar.»

21.

Tudo o que não se expressa não agita o ar. E, sim, eis o tabaco ali presente, o fumo, essa coisa visível e exterior que agita o ar ou, então, é ele mesmo, ar agitado — ar agitado e de outra cor, eis o fumo. O fumo do tabaco é então quase palavra. Vê-se bem no exterior. Não é um sentimento, algo que para Zeno é do mundo do esquecimento fácil. Só o que se vê e ouve; só o que materialmente sai do corpo se torna consciência. A consciência de Zeno não é, portanto, coisa escondida e secreta, pelo contrário: é escrita, a palavra.

22.

Uma consciência que é assim feita a partir do alfabeto, como se o psicanalista do mundo fosse alguém que não sabe mexer nem com pensamentos nem com sentimentos, mas manobra apenas palavras, coisas introduzidas no mundo a partir desse material básico que é o alfabeto: A, B, C, D, até ao Z, de Zeno.

23.

Sem o alfabeto seríamos inconscientes, ilúcidos — eis uma hipótese lateral.

24.

Sem o alfabeto seríamos loucos, eis outra hipótese ainda mais lateral e radical.

25.

Imagino mesmo isso (numa ficção rápida): uma espécie humana que ficasse louca, louca mesmo, demente, se não aprendesse o alfabeto.

Aprender o alfabeto seria então curar essa potência para a loucura que todos temos. Como se o alfabeto acalmasse, e acalmasse por via desse método de acalmar que é compreender. Quando compreendo, acalmo, quando acalmo, compreendo. Como é que o humano compreende? Com a palavra, verbal ou escrita; ou seja, com o alfabeto.

26.

A importância do alfabeto em *A Consciência de Zeno*, posição mesmo central.

No início do romance, tal fica claro:

«Depressa reparei que, à mesa do Tergesteo, onde se divertia a revelar-se tal como era, e um pouco pior ainda, Giovanni impunha a si mesmo uma reserva: nunca falava de sua casa, ou só quando a tal era obrigado, fazendo-o com compostura e uma voz um pouco mais suave do que era costume.»

Esta contenção de Giovanni, que «talvez achasse que nem todos os que se sentavam àquela mesa eram dignos de saber alguma coisa sobre ela», mantém-se, mas vai revelando aos poucos o essencial. E o essencial é isto, vai de A a Z, como relata Italo Svevo:

«Ali, soube apenas que as suas quatro filhas tinham todas nomes começados por A, o que, na opinião dele, era muito prático, porque as coisas que tinham essa inicial gravada podiam passar de uma para a outra, sem ter de haver alterações. Chamavam-se (soube imediatamente aqueles nomes de cor): Ada, Augusta, Alberta e Anna.»

Quatro mulheres, quatro irmãos residentes numa letra, no A.
«Também soube àquela mesa que eram as quatro belas.»

E, sim, uma beleza que começa no nome, ou mesmo na letra, nesse A elegante que parece abrir o alfabeto como o mais hábil dançarino abre o momento de dança numa festa. O A merece uma homenagem: começa bem o alfabeto, que bela letra.

Mas sim, as letras, o alfabeto, a distância que existe entre as várias letras — como tal é importante para Zeno, e não só. Escreve Italo Svevo, na voz em voz alta de Zeno:

«Aquela inicial impressionou-me muito mais do que merecia. Sonhei com aquelas quatro jovens tão bem ligadas entre si pelo seu nome. Como se tivessem de ser entregues juntas, num feixe.»

Como se partilhar a mesma letra as tornasse próximas afetivamente e no próprio espaço. Como se andassem sempre juntas, unidas por uma corda em forma de um qualquer A gentil.

27.

E imagino de imediato uma consciência que parte de cada letra de maneira diferente. Os nomes não são letras, mas destino, poderemos pensar (como muitas mitologias pensam).

«A inicial dizia também outra coisa. Eu chamo-me Zeno, e tinha, por isso, a sensação de estar prestes a casar longe do meu país.»

Casar com uma mulher com nome começado por A, eis o longo caminho para a personagem que se chama Zeno, localizado com cabeça e pés nesse Z distante.

Humor, claro, ironia, mas podemos também pensar na tragédia: nos humanos que estão longe entre si por não partilharem letras e língua: eu não entendo a tua língua. Como podem, aliás, dois humanos apaixonar-se, se não entenderem a língua um do outro? Sabemos que tal existe, existiu e vai existir e não é sequer raro. Mas é um enigma: uma paixão que não partilha o mínimo entendimento sonoro; uma paixão que não fala, balbucia. E isso basta. Que mistério é esse balbuciar que seduz.

28.

Depois de bater com força numa mesa, murmuram Svevo e Zeno na escrita: «Fiquei com uma contusão na mão, e não há nada melhor do que uma dor física para estimular novas ideias.»

E curioso isto, murmurar na escrita, escrevi. E, sim, uma escrita que fala alto, uma escrita que fala a meia voz, uma escrita que fala baixinho, outra que murmura, outra que segreda. No meio destas infinitas categorias, talvez a consciência de Zeno esteja entre o murmúrio e, por vezes, o súbito e surpreendente grito. Um murmúrio estridente, eis uma possível descrição; um murmúrio que faz doer os ouvidos sensíveis e sensatos.

29.

A consciência de Zeno é também, claro, a consciência da morte.

«— Crês que tudo acaba, quando morremos?»

Uma pausa diante de pergunta tão alta e tão larga e tão vasta e forte.

E, sim, pensar que as perguntas têm dimensões como os objetos: largura, comprimento e altura. E não há pergunta mais comprida, mais larga e mais alta do que esta, ou estas, as que andam em redor da morte. Zeno ali está, diante da pergunta robusta e perigosa:

«— Crês que tudo acaba, quando morremos?»

E Zeno murmura:

«Eu penso no mistério da morte todos os dias, mas não era ainda capaz de lhe dar as informações que pedia. Para o satisfazer, simulei a fé mais alegre no nosso futuro.»

E responde, finalmente, em voz alta:

«— Creio que o prazer sobrevive, não sendo já necessária a dor. A dissolução poderia lembrar o prazer sexual. Será decerto acompanhada por uma sensação de felicidade e de repouso, visto que a recomposição é tão cansativa. A dissolução deveria ser o prémio da vida!»

Mas esta resposta filosófica não convence ninguém, nem Zeno. E por isso ele vai dando muitas outras ao longo do livro, multiplicando as tentativas de defesa diante do ataque mais antigo que constitui esta pergunta: o que é a morte, como te posicionas diante dela?

«Eu teimei e afirmei que a morte era a verdadeira organizadora da vida.» Eis outra tentativa de Zeno. Que falha, como todas as nossas.

30.

A morte, a morte, a morte, de A a Z, não há palavra tão central.

Imagino agora um dicionário onde a palavra morte está no exato meio desse dicionário, no exato centro.

Imagino ainda que em todos os dicionários de todas as línguas a palavra morte aparece no meio, no exato meio.

A meio do dicionário está a palavra morte que espera por ti. Espera por ti, precisamente, não no fim, pois isso seria bem previsível, mas sempre no meio.

Porque isto é claro: morremos sempre no meio; nunca no fim; como uma surpresa aparece a morte. Mesmo que o velhíssimo corpo esteja já à sua espera, é sempre surpreendido; paradoxo, mais um.

31.

A morte, então, como centro da consciência de Zeno:

«Todas as outras coisas adquiriam tão pouca importância, que a elas eu não reservava mais do que um sorriso feliz, ou um riso igualmente feliz.»

Mas Zeno não fica melancólico e mudo diante da muda e melancólica morte representada em tantos quadros. Zeno opta por outras estratégias.

Diz Zeno, por exemplo, numa das suas infinitas reflexões sobre as suas próprias palavras (como se falar fosse sempre apenas o início, nunca o final):

«Na verdade, creio que lhe falei assim pelo desejo de lhe mostrar que era um homem muito feliz. Várias vezes a felicidade me ajudara com as mulheres.»

E aqui estamos, na felicidade como método; só os alegres conquistam; nenhum deprimido alguma vez invadiu um castelo, uma casa; só os alegres conquistam e entram em espaço ainda não pisado; a sedução é, em Zeno, resultado de uma alegria forte.

32.

A Consciência de Zeno de Italo Svevo é a descrição de um fumo que sai de um corpo lúcido; um fumo que pensa; um fumo moribundo.

Gonçalo M. Tavares

A Consciência de Zeno

I

Prefácio

Eu sou o médico de quem nesta narração se fala por vezes com palavras pouco lisonjeiras. Quem perceber de psicanálise saberá onde situar a antipatia que o paciente me dedica.

Sobre psicanálise não me pronuncio, porque aqui dentro já se fala dela o suficiente. Devo desculpar-me por ter incitado o meu paciente a escrever a sua autobiografia; os estudiosos de psicanálise torcerão o nariz a tamanha novidade. Mas ele era velho, e eu esperava que, com tal evocação, o seu passado se revigorasse, e que a autobiografia fosse um bom prelúdio para a psicanálise. Hoje, a ideia ainda me parece boa, porque me deu resultados inesperados, que teriam sido ainda melhores se o doente, à última hora, não tivesse abandonado o tratamento, defraudando-me do fruto da minha longa e paciente análise destas memórias.

Publico-as por vingança, e espero que fique descontente. Que saiba, no entanto, que estou disposto a repartir com ele os honorários chorudos que obterei com esta publicação, desde que retome o tratamento. Parecia tão curioso em relação a si! Se soubesse quantas surpresas lhe poderia reservar o comentário das muitas verdades e mentiras que aqui acumulou!...

DOUTOR S.

II

Preâmbulo

Ver a minha infância? Mais de dez lustros me separam dela, e os meus olhos cansados poderiam talvez alcançá-la, se a luz que ainda reverbera não fosse intercetada por obstáculos de todo o tipo, autênticos cumes montanhosos: os meus anos e algumas das minhas horas.

O doutor aconselhou-me que não me obstinasse em olhar para tão longe. As coisas recentes também são preciosas para esses médicos, sobretudo as fantasias e os sonhos da véspera. Mas, ainda assim, devia haver um pouco de ordem e, para poder começar *ab ovo*, mal deixei o doutor, que por estes dias vai ausentar-se de Trieste por muito tempo, comprei e li um tratado de psicanálise, só para lhe facilitar a tarefa. Não é difícil de perceber, mas é muito enfadonho.

Depois do almoço, comodamente estendido numa poltrona, tenho lápis e uma folha de papel na mão. A minha fronte alisa-se, porque eliminei todo o esforço mental. O meu pensamento apresenta-se-me separado de mim. Vejo-o. Sobe, desce... mas é a sua única atividade. Para lhe lembrar que é pensamento e que é sua função manifestar-se, pego no lápis. Eis que a minha fronte se enrugou, porque cada palavra é composta de muitas letras, e o imperioso presente ressurgiu e ofusca o passado.

Ontem tentei o máximo abandono. A experiência terminou no sono mais profundo e o único proveito que retirei daí foi um grande

repouso e a curiosa sensação de ter visto durante o sono alguma coisa importante. Mas esqueceu-me, perdeu-se para sempre.

Graças ao lápis que seguro na mão, hoje permaneço desperto. Vejo, entrevejo imagens bizarras que não podem ter relação alguma com o meu passado: uma locomotiva que bufa numa subida, arrastando numerosas carruagens; quem sabe de onde vem e para onde vai, ou porque apareceu agora aqui!

Na minha sonolência, lembro-me de que, segundo o meu manual, com este sistema é possível conseguir recordar a primeira infância, a do berço. Vejo de imediato um menino num berço, mas porque havia de ser eu? Não se parece nada comigo, e julgo ser antes aquele que nasceu há poucas semanas, filho da minha cunhada, e que nos foi apresentado como um milagre por ter umas mãos tão pequeninas e uns olhos tão grandes. Pobre menino! Recordar a minha infância? Eu nem consigo arranjar forma de te avisar a ti, que vives agora a tua, da importância de a recordares para bem da tua inteligência e da tua saúde. Quando descobrirás que seria bom conseguires saber a tua vida de cor, inclusive aquela grande parte dela que te repugnará? Entretanto, inconsciente, vais investigando o teu pequeno organismo em busca do prazer, e as tuas descobertas deliciosas encaminhar-te-ão para a dor e para a doença, para as quais serás lançado até por aqueles que não o desejariam. Que fazer? É impossível proteger o teu berço. No teu íntimo — meu pequenino! — vai-se realizando uma combinação misteriosa. Cada minuto que passa deita nela um reagente. Há para ti demasiadas probabilidades de doença, porque nem todos os teus minutos podem ser puros. E, além disso — meu pequenino! —, tens o sangue de pessoas que conheço. Os minutos que agora passam podem até ser puros, mas decerto não o foram todos os séculos que te prepararam.

E eis-me bem longe das imagens que precedem o sono. Amanhã volto a tentar.

III

O Tabaco

O médico a quem falei do assunto disse-me para iniciar o meu trabalho com uma análise histórica da minha propensão para fumar:

— Escreva! Escreva! Verá como vai acabar por conseguir ver-se inteiro.

Creio que posso escrever sobre fumar aqui, à secretária, sem ter de ir sonhar para aquela poltrona. Não sei como começar e invoco a ajuda dos cigarros, todos tão semelhantes ao que tenho na mão.

Hoje, descubro logo algo de que já não me lembrava. Os primeiros cigarros que fumei já não se vendem. Por volta de 1870, havia na Áustria uns que eram vendidos em caixinhas de cartão com o selo da águia bicéfala. Aqui está: à volta de uma dessas caixas juntam-se de imediato várias pessoas com alguns traços visíveis, suficientes para me sugerirem o respetivo nome, mas não para que o encontro imprevisto me comova. Tento obter mais e vou para a poltrona: as pessoas bocejam e, em seu lugar, aparecem uns palhaços que fazem pouco de mim. Desconsolado, volto para a secretária.

Uma das figuras, de voz um tanto rouca, era Giuseppe, um rapaz da minha idade, e a outra era o meu irmão, um ano mais novo do que eu, morto há já muitos anos. Ao que parece, Giuseppe recebia muito dinheiro do pai e dava-nos daqueles cigarros. Mas tenho a certeza de que dava mais ao meu irmão do que a mim.

Daí a necessidade em que me encontrei de ter de arranjar outros por minha conta. Assim, cheguei a roubar. No verão, o meu pai deixava numa cadeira da sala de jantar o seu colete, em cujo bolso havia sempre trocos: conseguia os dez tostões de que precisava para comprar o precioso maço e fumava um atrás do outro os dez cigarros que continha, para não conservar por muito tempo o comprometedor fruto do meu furto.

Tudo isso jazia na minha consciência, à mão de semear. Só agora ressurge, porque antes eu não sabia que pudesse ter importância. Acabo assim de registar a origem deste sórdido hábito e (quem sabe?) talvez esteja já curado. Pelo que, para o pôr à prova, acendo um último cigarro, e talvez o deite logo fora, enjoado.

Depois, lembro-me de que um dia o meu pai me surpreendeu com o seu colete nas mãos. Eu, com um descaramento que agora não teria e que ainda hoje me repugna (quem sabe se esta repugnância não terá grande importância para o meu tratamento), disse-lhe que me viera a curiosidade de contar quantos botões tinha. O meu pai riu-se da minha propensão para a matemática ou para a costura, e não reparou que eu tinha os dedos no bolso do colete. Em meu abono, posso dizer que bastou aquele riso diante da minha inocência, quando esta já não existia, para me impedir para sempre de roubar. Ou melhor... voltei a roubar, mas sem o saber. O meu pai deixava pela casa charutos *Virginia* meio fumados, instavelmente equilibrados sobre mesas e armários. Eu julgava que era a sua forma de os deitar fora e julgava também saber que a nossa velha criada, Catina, os deitava fora. Ia fumá-los às escondidas. Já no ato de me apropriar deles, percorria-me um calafrio de nojo, por saber quão indisposto me deixariam. Depois, fumava-os até a minha testa se cobrir de suores frios e o meu estômago se revolver. Não se pode dizer que me faltasse energia na infância.

Sei perfeitamente como o meu pai me curou também deste hábito. Um dia de verão, regressara a casa de uma visita de estudo, cansado e encharcado de suor. A minha mãe ajudara-me a despir e, enrolando-me num roupão, pusera-me a dormir num sofá onde ela

mesma estava sentada com um trabalho de costura. Estava quase a adormecer, mas tinha os olhos ainda cheios de sol e tardava em perder a consciência. A doçura que naquela idade acompanha o descanso, depois de um grande cansaço, é-me tão evidente como uma imagem por si só, tão evidente como se estivesse lá agora, ao lado daquele corpo querido que já não existe.

Recordo o quarto grande e fresco onde nós, crianças, brincávamos, e que agora, nestes tempos avarentos de espaço, está dividido em duas partes. Nessa cena o meu irmão não aparece, o que me surpreende, porque creio que ele também deve ter participado naquela visita de estudo e deve ter ido depois descansar. Será que dormia na outra ponta do sofá grande? Olho para aquele sítio, mas parece-me vazio. Vejo-me só a mim, a doçura do descanso, a minha mãe, e também o meu pai, cujas palavras ouço ressoarem. Ele entrara e não me tinha visto logo, porque chamou em voz alta:

— Maria!

A minha mãe, com um gesto que se fez acompanhar por um leve som dos lábios, apontou para mim, julgando-me mergulhado no sono, quando, pelo contrário, eu nadava à superfície, plenamente consciente. Agradava-me tanto que o meu pai tivesse de ter cuidado por minha causa, que não me mexi.

O meu pai lamentou-se baixinho:

— Acho que estou a enlouquecer. Tenho quase a certeza de há meia hora ter deixado em cima daquele armário meio charuto, e agora não o encontro. Estou pior do que de costume. As coisas fogem-me.

Também em voz baixa, mas traindo um riso contido pelo medo de me acordar, a minha mãe respondeu:

— Mas ninguém esteve naquela sala depois do almoço.

O meu pai murmurou:

— Eu sei, por isso é que acho que estou a enlouquecer!

Voltou-se e saiu.

Eu entreabri os olhos e olhei para a minha mãe. Retomara a sua costura, mas continuava a sorrir. Não pensava decerto que o meu

pai estivesse a enlouquecer, para sorrir assim dos medos dele. Aquele sorriso ficou-me de tal forma gravado, que o recordei de imediato ao reencontrá-lo um dia nos lábios da minha mulher.

Mais tarde, a falta de dinheiro não dificultou a satisfação do meu vício, mas as proibições contribuíram para o estimular.

Lembro-me de ter fumado muito, escondido em todos os lugares possíveis. Pela forte sensação de repulsa que se lhe seguiu, lembro-me de ter estado meia hora numa cave escura com outros dois rapazes, de quem recordo apenas a forma pueril de vestir: dois pares de calções que se aguentam em pé porque dentro deles esteve um corpo que o tempo eliminou. Tínhamos muitos cigarros e queríamos ver quem conseguia consumir mais em menos tempo. Ganhei eu, e ocultei heroicamente a indisposição resultante do estranho exercício. Depois, saímos para o ar e para a luz. Tive de fechar os olhos para não cair atordoado. Recuperei e gabei-me da vitória. Um dos dois homenzinhos disse-me então:

— A mim não me importa não ter vencido, porque eu só fumo o necessário.

Recordo as palavras sãs, mas não a carinha, também ela certamente sã, que devia estar virada para mim naquele momento.

À época, porém, eu não sabia se amava ou odiava os cigarros e o seu sabor e o estado em que a nicotina me deixava. Quando soube que odiava tudo isso, foi pior ainda. E soube-o há cerca de vinte anos. Padei então, durante algumas semanas, de uma violenta dor de garganta, acompanhada de febre. O doutor prescreveu-me ficar de cama e absoluta abstinência de fumar. Lembro-me desta palavra: *absoluta!* Feriu-me, e a febre coloriu-a: um vazio imenso, e nada para me ajudar a resistir à enorme pressão que de imediato se produz em torno de um vazio.

Quando o doutor me deixou, o meu pai (a minha mãe tinha morrido havia muitos anos), de charuto na boca, ficou ainda algum tempo a fazer-me companhia. Quando se ia embora, depois de ter passado a mão com doçura pela minha testa escaldante, disse-me:

— Não fumes, eh!

Fui tomado por uma enorme inquietação. Pensei: «Já que me faz mal, nunca mais fumarei, mas, antes disso, quero fazê-lo uma última vez.» Acendi um cigarro e senti-me logo liberto da inquietação, embora a febre talvez aumentasse e eu sentisse um ardor nas amígdalas cada vez que puxava o fumo, como se um tição ardente lhes tivesse tocado. Acabei o cigarro com a diligência com que se cumpre um voto. E, continuando a sofrer horrivelmente, fumei muitos outros durante a doença. O meu pai ia e vinha com o seu charuto na boca, dizendo-me:

— Muito bem! Mais uns dias sem fumar e ficas curado!

Bastava esta frase para eu desejar que ele se fosse embora imediatamente, para poder atirar-me ao meu cigarro. Chegava a fingir que dormia, para o levar a afastar-se mais depressa.

Aquela doença proporcionou-me o segundo dos meus incómodos: o esforço de me libertar do primeiro. Os meus dias acabaram por se encher de cigarros e de propósitos de deixar de fumar; e, para dizer logo tudo, de tempos a tempos ainda são assim. O turbilhão do último cigarro, que se formou aos vinte anos, continua em movimento. O propósito é menos ativo, e a minha fraqueza encontra maior indulgência no meu velho espírito. Quando se é velho, sorri-se da vida e de tudo o que ela contém. Posso dizer, aliás, que há algum tempo que fumo muitos cigarros... que não são os últimos.

No frontispício de um dicionário, encontro esta anotação minha, feita com letra elegante e alguns ornamentos: «Hoje, 2 de fevereiro de 1886, troco o curso de Direito pelo de Química. Último cigarro!»

Era um cigarro muito importante. Lembro-me de todas as esperanças que o acompanharam. Tinha-me zangado com o direito canónico, que me parecia muito distante da vida, e corria para os braços da ciência, que é a própria vida, ainda que reduzida a um balão de ensaio. Este último cigarro significava precisamente o desejo de atividade (incluindo manual) e de um pensamento sereno, sóbrio e consistente.

Para escapar à cadeia das combinações de carbono, em que não acreditava, voltei ao Direito.

Lamentavelmente! Foi um erro, e também este foi assinalado com um último cigarro, cuja data encontro registada num livro. Também esta foi importante, e resignava-me a voltar àquelas complicações do meu, do teu e do seu com os melhores propósitos, libertando por fim as cadeias do carbono. Demonstrara-me pouco idóneo para a química também pela minha falta de habilidade manual. E como poderia tê-la, se continuava a fumar como uma chaminé?

Agora que estou aqui, a analisar-me, uma dúvida assalta-me: terei eu gostado tanto dos cigarros por poder atirar para cima deles a culpa da minha incapacidade? Será que, deixando eu de fumar, viria a tornar-me o homem ideal e forte que esperava ser? Se calhar foi essa dúvida que me ligou ao meu vício, porque é cómodo viver julgando que se se possui grandeza, mas uma grandeza latente. Avanço esta hipótese para explicar a minha fraqueza juvenil, mas sem uma convicção firme. Agora que sou velho e que ninguém exige nada de mim, continuo a passar do cigarro ao propósito, e do propósito ao cigarro. Que significam hoje estes propósitos? Como aquele velho higienista descrito por Goldoni, querei eu morrer são, depois de ter vivido doente a vida inteira?

Uma vez, em estudante, quando mudei de residência, tive de mandar forrar as paredes do quarto a expensas minhas, porque as tinha coberto de datas. É provável que tenha deixado aquele quarto justamente porque se tornara o cemitério dos meus bons propósitos, e eu já não acreditava que fosse possível conceber novos propósitos naquele sítio.

Creio que o cigarro tem um sabor mais intenso quando é o último. Os outros também têm um sabor especial, mas menos intenso. O último vai buscar o seu sabor ao sentimento da vitória sobre si mesmo e a esperança de um futuro próximo de força e de saúde. Os outros têm a sua importância porque, ao acendê-los,

afirma-se a própria liberdade, e o futuro de força e de saúde permanece, mas afasta-se um pouco.

As datas nas paredes do meu quarto estavam marcadas com as cores mais variadas, e até a óleo. O propósito, renovado com a fé mais ingênua, encontrava expressão adequada na força da cor, que devia fazer empalidecer a que fora dedicada ao propósito anterior. Algumas datas eram da minha preferência pela concordância dos números. Recordo, do século passado, uma data que me parecia que havia de selar para sempre o caixão onde eu queria meter o meu vício: «Nono dia do nono mês de 1899.» Significativa, não é? O novo século trouxe-me datas igualmente musicais: «Primeiro dia do primeiro mês de 1901.» Ainda hoje me parece que, pudesse aquela data repetir-se, eu conseguiria iniciar uma nova vida.

Mas no calendário não faltam datas e, com um pouco de imaginação, qualquer uma se poderia adequar a um bom propósito. Recordo, porque me parecia conter um imperativo sumamente categórico, a seguinte: «Terceiro dia do sexto mês de 1912, 24 horas.» Soava como se cada número duplicasse a parada.

O ano de 1913 trouxe-me um instante de hesitação. Faltava o décimo terceiro mês para o harmonizar com o ano. Mas não se pense que sejam necessárias tantas concordâncias para dar destaque a um último cigarro. Muitas datas anotadas em livros ou quadros favoritos sobressaem pela sua deformidade. Por exemplo, o terceiro dia do segundo mês de 1905, às 6 horas! Pensando bem, tem um ritmo próprio, porque cada número nega o anterior. Muitos acontecimentos, ou melhor, todos, desde a morte de Pio IX ao nascimento do meu filho, me pareciam dignos de ser festejados com o propósito férreo habitual. Todos na minha família se espantam com a minha memória para os nossos aniversários, alegres e tristes, e acham-me tão amável!

Para reduzir o seu aspeto absurdo, tentei dar um conteúdo filosófico à doença do último cigarro. Diz-se com uma excelente atitude: «Nunca mais!» Porém, que é feito da atitude, se se cumpre a promessa? Só é possível ter essa atitude quando se tem de renovar

o propósito. Além disso, o tempo, para mim, não é aquela coisa impensável que nunca se detém. Para mim, e para mim só, ele volta.

A doença é uma convicção e eu nasci com essa convicção. Da dos meus vinte anos não me lembraria de grande coisa, se não a tivesse então descrito a um médico. Curioso como se recordam melhor as palavras ditas do que os sentimentos que não chegaram a agitar o ar.

Tinha ido àquele médico porque me haviam dito que ele tratava as doenças nervosas com eletricidade. Pensei que podia extrair da eletricidade a força necessária para deixar de fumar.

O doutor tinha uma grande barriga e a sua respiração asmática acompanhava as pancadas da máquina elétrica usada logo na primeira sessão, o que me desiludiu, porque estava à espera de que o doutor, ao estudar-me, descobrisse o veneno que me contaminava o sangue. Ao invés, declarou que me achava de constituição sã, e como me tinha queixado de digerir e de dormir mal, ele supôs que o meu estômago tivesse falta de ácidos e que os meus movimentos peristálticos (disse esta palavra tantas vezes que nunca mais a esqueci) fossem lentos. Ministrou-me também um certo ácido que deu cabo de mim, porque desde então sofro de excesso de acidez.

Quando percebi que por si só ele nunca conseguiria descobrir a nicotina no meu sangue, quis ajudá-lo e exprimi a suspeita de que a minha indisposição pudesse atribuir-se àquela. Com algum esforço, ele encolheu os ombros robustos:

— Movimentos peristálticos... ácido... a nicotina não tem nada que ver com isso!

Foram setenta as aplicações elétricas, e teriam continuado se eu não tivesse considerado que já eram bastantes. Mais do que estar à espera de um milagre, eu corria para aquelas sessões na esperança de convencer o doutor a proibir-me de fumar. Sabe-se lá como teria corrido tudo, se então os meus propósitos tivessem sido fortalecidos por semelhante proibição.

«Comprender mal as mulheres é claramente um sinal de fraca virilidade.»

Na cidade de Trieste, em Itália, um neurótico homem de negócios segue o conselho do psicanalista e, à guisa de terapia, escreve as suas memórias. É através desta extensa e absorvente confissão que nos é revelada a mente hiperativa e infinitamente obsessiva de Zeno Cosini – e respetivas angústias: o vício do fumo, a incapacidade de lhe pôr cobro, o desdém da bela Ada pelos seus avanços, o inesperado casamento com a irmã desta, Augusta, os casos extraconjugais a que se entrega, a doença que acredita afligi-lo, mas que nenhum médico consegue diagnosticar.

Publicado em 1923, *A Consciência de Zeno* é um hino ao delírio e à procrastinação, uma obra-prima do realismo psicológico escrita pelo italiano Italo Svevo e justamente celebrado como um romance seminal do modernismo.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Ana Cláudia Santos
Introdução de Gonçalo M. Tavares



Wednesday April 3 2002
(...) 2002
(óleo sobre tela)
Ben McLaughlin

© Bridgeman Images

ISBN 9789897846663



9 789897 846663 >

penguinlivros.pt

   [penguinlivros](#)



Penguin
Random House
Grupo Editorial